

Antonio Gramsci – Filologia e Política*

de Álvaro Bianchi, Daniela Mussi
e Sabrina Areco (orgs.)

O trato filológico de Gramsci e seus usos

The Philological Treatment of Gramsci and its Uses

por Renan Somogyi Rodrigues da Silva**

Em 2017, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ocorreu o Colóquio Internacional Antonio Gramsci, cuja duração foi de quatro dias e produziu grandes contribuições ao estudo do marxista sardo. Como resultado desse encontro, concebeu-se o livro resenhado, o qual reúne pesquisadores das mais diversas nacionalidades. A obra organizada pelos professores Álvaro Bianchi, Daniela Mussi e Sabrina Areco torna-se imprescindível nas pesquisas gramscianas no país, pois, como o próprio título bem enuncia, trata-se de uma abordagem filológica das concepções e teorias de Gramsci mobilizadas de formas pioneiras em alguns artigos constitutivos da obra.

Não obstante parecer fruto de *insights* isolados, o livro possui uma história que o precedeu. Essa história tem como um dos marcos de sua gênese o início do tratamento filológico dos *Cadernos do Cárcere*, com a produção e lançamento da edição que ficou conhecida como *Edizione di Gerratana* (1975). Cabe aqui debruçar-se sobre a definição de filologia para melhor compreender seus efeitos nos estudos de Gramsci. O método filológico deriva da crítica literária, cujo escopo é realizar uma exegese ampla de um texto de literatura. Para realizar essa análise, é necessário não somente compreender o conteúdo do livro, mas também seu contexto histórico, modo de escrita, datação precisa da confecção da obra, relações intertextuais, entre outros aspectos. Ao tratar os *Cadernos do Cárcere* com

* Porto Alegre: Zouk, 2019.

** Graduando em História pela Universidade de São Paulo.
End. eletrônico: renan_somogyi@hotmail.com

tal rigor, portanto, tornou-se possível uma melhor apreensão de seus escritos, resultando nas inovadoras empreitadas que alguns intelectuais têm empreendido para mobilizar e conceituar as categorias cunhadas por Gramsci.

Dessa forma, essas novas edições filológicas dos escritos do ex-dirigente do Partido Comunista Italiano (PCI) abriram caminho para formas inovadoras de se abordar seu pensamento, os quais perpassam, obrigatoriamente, por não utilizar suas teorias apenas como fonte de inspiração política, mas sim estudá-las de maneira rigorosa e metodológica. Esse processo teve reflexo na produção teórica de diversos autores como Fabio Frosini, Giuseppe Vacca e Guido Liguori, tendo como apogeu a editoração da nova coleção dos *Quaderni*, conhecida como *Edizione nazionale degli scritti di Antonio Gramsci* (Bianchi; Braga, 2019, p.3). Todavia, a pesquisa filológica e minuciosa do pensamento de Gramsci não descarta seu uso político, como foi repetidamente afirmado pelos partidos de esquerda da Itália. Pelo contrário, como escreveu Bianchi, “O trabalho filológico rigoroso não deixa de ser uma intervenção política em um debate marcado pelos usos e abusos do pensamento gramsciano.” (Areco; Bianchi; Mussi, 2019, p. 14).

No Brasil, houve uma forte retomada dos estudos gramscianos que foi marcada pelo lançamento, em 2008, do livro *O Laboratório de Gramsci* (Bianchi, 2008). Nesta obra, reflete-se acerca da necessidade de novas abordagens de pesquisa sobre o comunista sardo, influenciando, assim, sobre os estudos de diversos outros pensadores – os quais, atualmente, compõem parte do grupo de pesquisadores sobre o tema no país. O diferencial do volume, portanto, é que, anteriormente ao seu lançamento, a discussão de Gramsci se dava predominantemente pela via política ou com distorções graves no âmbito acadêmico. Ele é resultado, portanto, de uma mudança gradativa de tratamento das concepções de Gramsci, que se iniciou num debate político inaugural e atinge, hoje em dia, os estudos filológicos acadêmicos. Ademais, o marxista sardo não só era estudado sem rigor metodológico, como também marginalizado pelos militantes e intelectuais, como afirmou o professor Lincoln Secco:

o interesse por Gramsci, mesmo depois da publicação de seus livros, promovida por jovens intelectuais do PCB, repousa numa ou noutra discussão acadêmica, num capítulo de um livro de Leandro Konder, numa tese desconhecida cujo autor só publicará um livro muitos anos depois, num texto mimeografado de um ou outro professor e... no silêncio (Secco, 2000, p. 26).

O livro resenhado possui 16 artigos de intelectuais renomados na área, cuja seleção visa reconstruir com grande abrangência, mantendo-se também a precisão, o pensamento do autor italiano através da explanação de seus principais conceitos, bem como os seus usos posteriores pelos intelectuais e militantes que

se apropriaram de Gramsci. Dentre a gama de temáticas perpassadas pelos ensaios encontram-se as concepções de *hegemonia*, *revolução-passiva*, *nacional-popular*, *centro e periferia* e, claro, sobre filologia e política.

Dentre os estudos presentes na obra, pode-se destacar os de Álvaro Bianchi, Daniela Mussi, Massimo Modonesi e Raúl Burgos. No primeiro, como já foi apontado, há uma definição do que seria a abordagem filológica, qual sua história na Europa e no Brasil e como a mesma está imbricada com a política. Bianchi, portanto, demonstra que o trato filológico das obras de Gramsci é a melhor metodologia (até o momento) para se estudar com eficácia e precisão o tema, promovendo, assim, a possibilidade do uso político de tal pensamento.

No artigo da professora Mussi, delinea-se as relações denominadas “centro-periferia” na intelectualidade através de seus usos pelos pensadores brasileiros. Os exemplos utilizados pela professora da Universidade de São Paulo são diversos, já que as concepções do marxista sardo foram largamente mobilizadas no país, assim como afirma Carlos Nelson Coutinho:

Estou convencido, porém, de que o filão mais fecundo da atual influência de Gramsci no Brasil consiste no uso cada vez maior de suas categorias em análises de problemas específicos da realidade brasileira de ontem e de hoje. É isso que explica, em última instância, a razão por que Gramsci – um autor que, ao longo de toda a sua obra, se refere ao Brasil somente uma única vez – se tornou, mais de 30 anos depois de sua chegada a nosso país, um completo cidadão brasileiro (Coutinho, 2007, p.167-8).

Nesse escopo, Daniela Mussi expõe como e quais as categorias de Gramsci foram mobilizadas pelos intelectuais brasileiros, como por exemplo, o conceito de “hegemonia” utilizado por Fernando Henrique Cardoso, Roberto Schwarz e Francisco Weffort. Ademais, a autora utiliza-se de um exemplo, o caso da dualidade “Gramsci-Gobetti”, para dar enfoque em como se foi pensado as relações centro-periferia até os dias atuais.

Raúl Burgos, por sua vez, elucida um tema que é foco de muitas discussões dentro da esquerda mundial: os “subalternos”, as relações de “hegemonia” e a “vontade nacional-popular”. Ou seja, Burgos discorre sobre processo social pelo qual uma sociedade deve passar a fim de constituir uma hegemonia das classes subalternas. Para isso, em primeiro lugar, o pensador define o que são tais grupos, pois, como ele põe em destaque, essas classes não se resumem ao proletariado, mas sim ultrapassam as barreiras exclusivas das condições materiais. Posteriormente, através de uma explicação sobre o conceito de “vontade nacional-popular”, Burgos enuncia quais são as forças-motrices, segundo Gramsci, das transformações revolucionárias. Após à conclusão do processo revolucionário, a

construção da hegemonia dos grupos oprimidos também seria erigida com base na mesma força-motriz, demonstrando que essa hegemonia não necessariamente (ou, talvez, em oposição diametral) deve ser edificada através das instituições democráticas burguesas, contestando as concepções de Carlos Nelson Coutinho. (Coutinho, 1979). Como forma de conclusão, o estudioso de Gramsci promove uma pequena análise da situação política ocorrida no Brasil nos últimos 16 anos, visando imprimir suas impressões sobre a experiência petista e o recente contra-ataque liberal.

Mássimo Modonesi, intelectual ítalo-mexicano, faz um levantamento histórico sobre os usos do conceito de “Revolução Passiva” na América Latina. O professor da Universidad Autónoma de México coteja as obras que se utilizaram dessa baliza intelectual para promover análises políticas de seus respectivos países em território latino americano, bem como isso implica em “maus usos” ou “bons usos” do postulado teórico. Por exemplo, o “mau uso” de Carlos Nelson Coutinho em seu paralelo de “Revolução Passiva” com “reformismo pelo alto” (Coutinho, 2010), ou o uso melhor que Ruy Braga e Álvaro Bianchi fizeram da conjectura de Gramsci, para analisar o contexto social, econômico e político do primeiro governo Lula (Bianchi e Braga, 2005). Com isso, Modonesi consegue estabelecer relações na confecção e utilização desse postulado, possibilitando uma maior compreensão de como os contextos históricos ensejaram o uso do conceito por parte de alguns intelectuais.

Em suma, *Antonio Gramsci – Filologia e Política* é uma obra que possibilita o aprofundamento nos estudos do teórico italiano de forma primorosa, pois atualiza e corrige antigos postulados da intelectualidade marxista – utilizando-se do método filológico para realizar essa tarefa – que haviam erroneamente interpretado e mobilizados algumas categorias de Gramsci. Portanto, o livro se torna indispensável para quem pretende se aprofundar nos estudos gramscianos ou mesmo para quem deseja recorrer aos seus conceitos em sua militância cotidiana.

Referências

- BIANCHI, Álvaro. *O Laboratório de Gramsci: Filosofia, História e Política*. 2ª. ed. Porto Alegre: Zuko, 2018.
- BIANCHI, Álvaro e BRAGA, Ruy. Antonio Gramsci em tempos de fake news. *Tempo Social*, São Paulo, vol. 31, n. 2,, p. 1-6, 2019,
- _____. Brazil: The Lula Government and Financial Globalization. *Social Forces*, vol. 83, n. 4, p. 1745-1762, 2005.

COUTINHO, Carlos Nelson. O Gramsci no Brasil: recepção e usos. In: MORAES, João Quartim (org.). *História do Marxismo no Brasil. v. 3: Teorias e Interpretações*. São Paulo: Unicamp, p. 151-193, 2007.

_____. A democracia como valor universal. *Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 9, p. 33-47, 1979.

SECCO, Lincoln. A pré-história de Gramsci no Brasil (1927-1974). *Novos Rumos*, São Paulo, n. 32, p. 16-28, 2000.